

Um crescimento maior do Brasil e dos países endividados. Uma previsão (confidencial) do FMI.

A. M. Pimenta Neves, correspondente em Washington.

As projeções confidenciais do Fundo Monetário Internacional indicam que se tudo ocorrer como seus técnicos esperam, o grupo de grandes devedores a que pertence o Brasil crescerá em conjunto, até o final da década, a taxas superiores às dos últimos três anos.

O cenário básico do FMI, traçado de acordo com o que se pode esperar a partir do comportamento da economia mundial e das políticas razoáveis que supostamente as autoridades financeiras dos países-membros seguirão até 1990, prevê que a expansão dos países em desenvolvimento voltará a acelerar-se um pouco, enquanto a dos países industrializados, em conjunto, perde de parte de seu dinamismo.

Assim, o grupo de sete maiores tomadores de empréstimos privados (Brasil, Argentina, México, Filipinas, Indonésia, Venezuela e Coreia do Sul) deverá crescer em termos reais 4% em 1985, 4,9% em 1986 e uma média de 5% de 1987 a 1990.

Em 1982, o conjunto desses sete países em desenvolvimento cresceu em média apenas 0,4%, refletindo os efeitos de um esforço de ajustamento que mal se iniciava. Em 1983, seu produto nacional bruto caiu 1,2% para voltar a crescer 3% em 1984. No período que vai de 1967 a 1976, antes portanto da crise da

dívida e da retração dos credores, sua média de expansão foi muito superior: 7%.

Por sua vez, todas as nações em desenvolvimento endividadas, em conjunto, se expandirão a taxas de 4,2% em 1985, 4,6% em 1986, e 4,8% em média no restante da década. Os países que tiveram problemas recentes com o serviço da dívida (uma outra classificação, que também inclui o Brasil) crescerão a 3,2%, 3,9% e 4,3%.

Déficit menor

O balanço de pagamentos dos países em desenvolvimento endividados evoluiu favoravelmente a partir de 1983, por força do ajustamento. Seus déficits em conta corrente corresponderam em média a 15,6% de suas exportações de bens e serviços, entre 1967 e 1976. Em 1982, esse déficit elevou-se para 20,4%, caindo em 1983 para 11,9%, em 1984 para 6,9%, devendo ficar em 6,5% em 1985, 5,8% em 1986 e 7,5% em 1990.

A contração do déficit foi particularmente feroz para o grupo dos sete principais tomadores de empréstimos privados, passando de 28,5% das exportações de bens e serviços em 1982 para 1% em 1984. Deverá aumentar um pouco em 1985 — para 2,4% — e cair de novo em 1986 para 1,7%, até chegar a

0,2% apenas em 1990. Isso refletiria as dificuldades de financiamento existentes no mercado e a própria vacilação dos países em ingressar num novo período de super-endividamento seguido de austeridade. Apesar disso, conseguirão crescer a taxas razoáveis, provavelmente utilizando montantes crescentes de poupança interna.

A relação entre dívida externa e exportações de bens e serviços também exibe considerável melhora para os países em desenvolvimento em geral, mas, especialmente, para o grupo dos sete principais tomadores de empréstimos.

Para esse grupo, a que pertence o Brasil, a dívida externa correspondeu a 254,9% de suas exportações em 1983. Desde então, essa razão começou a cair, devendo chegar a 149,7% em 1990. Em 1984 foi de 236,6%, em 1985 deverá ser de 226,6% e em 1986 de 214,4%. Para os países que tiveram problemas de serviço da dívida de 1981 a 1984, a queda dessa relação será ainda mais dramática, passando de um pico de 268,1% em 1983 para, segundo as projeções, 144,2% em 1990.

Reservas

Em termos de dólares, o déficit agregado em conta corrente dos sete principais devedores caiu vertiginosamente, de US\$ 40 bilhões, em

1982, para US\$ 1,5 bilhão, em 1984.

O crescimento da dívida externa dos países em desenvolvimento em geral desacelerou-se com grande rapidez no período coberto pela análise do FMI. A dívida cresceu 18% ao ano entre 1978 e 1981, e apenas 4,5% em 1984. Em 1981-82 fontes privadas canalizaram, em termos líquidos, US\$ 130 bilhões para esses países. Em 1983-84, a soma foi de apenas US\$ 30 bilhões, sendo que apenas US\$ 7 bilhões desse total não resultaram de acordo de reestruturação da dívida. Assim mesmo, os países em desenvolvimento foram capazes de somar US\$ 22 bilhões às suas reservas.

Os pagamentos de serviço da dívida continuaram extremamente elevados em 1984, segundo o FMI. A relação entre o serviço da dívida e as exportações de bens e serviços foi de 22,5% no ano passado para os países em desenvolvimento endividados. Foi, portanto, maior do que em 1983. As taxas de juros foram um pouco maiores em média e o alívio proporcionado pelo reescalonamento das amortizações foi amplamente neutralizado pelo término dos prazos de carências de volumosas obrigações contraídas anteriormente. O FMI não espera grandes mudanças nessas relações de 1985 e 1986.